

# DESAFIOS DA UNIVERSIDADE NUM MOMENTO DE ALEGRIA E DE CRISE\*

## CHALLENGES OF UNIVERSITY IN A MOMENT OF JOY AND CRISIS\*

**Brazão Mazula**

Universidade Eduardo Mondlane

[bmazula@zebra.uem.mz](mailto:bmazula@zebra.uem.mz)

### Resumo

O presente artigo inscreve-se no contexto de uma conferência proferida no II Congresso Internacional da Universidade Católica de Moçambique. O principal propósito do mesmo visa realizar uma aproximação à temática do Congresso “O Papel da Universidade no Processo de Pacificação, Reconciliação, Democratização e Desenvolvimento da Sociedade”. Assim, centrando-nos, particularmente, no sub-tema “Paz”, procuramos traçar um percurso difícil, pois, falar de Paz é falar de algo muito significativo para Moçambique. É, e tem sido, uma busca permanente, como acontece em muitos outros contextos. Todavia, no nosso contexto, a Paz é ainda uma realidade em devir permanente, desafiando-nos a todos: políticos, académicos e sociedade civil. Queremos, ainda, convocar um outro olhar sobre a Paz: o olhar do Evangelho de Jesus Cristo. Para Este, a busca da paz é uma missão que é dada a todo homem que quer ser chamado filho de Deus; mas a condição maior que Cristo estabelece para alguém entrar no Reino do Céu é a de ser pacificador. Por conseguinte, a Paz acontece quando cada um, no seu dia-a-dia, vive numa condição de pacificador. Talvez seja este o maior desafio que se nos coloca, sem menosprezar a dimensão política de que se reveste esta temática. No contexto deste artigo, ganha especial relevância o papel da universidade como agente de promoção da Paz e da Reconciliação.

**Palavras-chave:** universidade, paz, política, pacificação, reconciliação e experiência cristã.

### Abstract

This article is the result of a public lecture given at the Second International Congress at the Catholic University of Mozambique. The main purpose of the lecture was to be in consonance with the main theme of Congress namely, "The Role of the University in the process of pacification, reconciliation, democratization and development of society". Paying particular attention to the sub-theme of "Peace", the article considers this to be a difficult task because to talk about peace is to talk about something very significant to Mozambique. It is, and has been a permanent quest, as in many other contexts. However, in our context, peace is still a reality in permanent becoming, challenging all of us: politicians, academics and civil society. There is need for each and every person to have a different understanding of Peace: we need to look at the Gospel of Jesus Christ. From this perspective, the search for peace is a mission given to every man and woman who intends to be called Son or Daughter of God; but the condition that Christ establishes for someone to enter the Kingdom of Heaven is to be a peacemaker. This implies that Peace happens when everyone in his day-to-day endeavors is always making peace with others surrounding him. This means that without underestimating the political dimension covering this topic, this is perhaps the greatest challenge we need to be facing every day. In the context of this article, the university as an agent that promotes Peace and Reconciliation gains special relevance.

**Keywords:** university, peace, political, pacification, reconciliation and christian experience.

## Introdução

Pelo que percebi a Universidade Católica (UCM) entendeu organizar este Congresso à volta de três temas: paz (i), democratização (ii) e desenvolvimento da sociedade (iii). Na minha dissertação incluo a pacificação e a reconciliação no sub-tema “paz”. Como o tema é muito grande para o meu tamanho, a minha reflexão vai girar à volta da paz, que, no meu entender, sintetiza o tema geral do Congresso. Assim entendido, Magnífico Reitor, proponho-me a reflectir sobre os *Desafios da Universidade no momento de alegria e de crise*, para me dirigir mais directamente à UCM. O desafio maior é a paz. A paz é o objectivo e, ao mesmo tempo, o resultado que se espera. A paz é sempre um desafio permanente. A dimensão permanente deste desafio pode, por um lado, convencer-nos da impossibilidade de alcançar a paz, se considerarmos que o adjectivo permanente pode também subentender tempo sem fim e, por conseguinte, inalcançável; mas, por outro lado, pode significar que se trata de um processo de luta diária, sem um prazo limite de validade que ponha termo às acções que devemos fazer para alcançar a paz. Entendo ser este segundo sentido o das bem-aventuranças. Quando Cristo diz “Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus” no Reino do Céu (Mt. 5, 9), fica claro que a paz é um processo de busca permanente, que nos persegue pela vida inteira. Se a pessoa que busca a paz, depois pára, pensando que a busca chegou ao fim, essa pessoa engana-se e não é pacificadora. Na perspectiva das bem-aventuranças, o ser pacificador não é algo técnico, burocrático ou mercenário, mas, sim, uma vivência quotidiana, deve ser uma qualidade existencial que requer fé e amor. Para Cristo, a busca da paz é uma *missão* que é dada a todo homem que quer ser chamado filho de Deus; mas a condição maior que Cristo estabelece para alguém entrar no Reino do Céu é a de ser pacificador.

O Governo da Frelimo e a Renamo, ao assinar o Acordo Geral de Paz, em 1992, em Roma, comprometeram-se publicamente com “uma paz duradoira no país”.<sup>1</sup> O adjectivo “duradoiro” transmite a mensagem de uma paz sem prazo limite, portanto, permanente e não às cambalhotas. Os dois assinantes do AGP não só perceberam que “o método de diálogo e de colaboração entre si” podem garantir ao país uma paz duradoira, como assumiram um *compromisso* formal com a paz, porque a paz é a condição necessária para desenvolver o país.

A questão é: se assumiram esse compromisso, porque, então, a instabilidade permanente com ameaças de retorno à guerra? Porque não são consequentes com o Acordo que assinaram? Não é meu objectivo responder a esta questão, senão manifestar a minha tristeza da alma. O que se verifica é que cada um dos assinantes do AGP atira sempre as culpas ao outro.

Nisto, ao celebrar os 20 anos da sua criação, a Universidade Católica de Moçambique renova o seu compromisso de participar “no processo de pacificação, reconciliação, democratização e desenvolvimento da sociedade”. O que devo dizer mais, Magnífico Reitor, senão que a UCM redobre, no momento presente do país, a *missão* de ser pacificadora no espírito das bem-aventuranças e o *compromisso* com a paz, estimulando o diálogo permanente e frutífero entre os moçambicanos,

---

<sup>1</sup> AGP, Protocolo I.

entre os actores políticos, particularmente entre o Governo da Frelimo e Renamo, os dois assinantes do AGP e que continuam em conflito.

A minha hipótese é que a UCM tem todas as condições e possibilidades para levar a bom termo essa missão, o que não significa sem dificuldades. Esta hipótese transforma-se em tese da minha comunicação. O que vou fazer é fundamentar esta afirmação, recorrendo ao paradigma da esteira bantu-africana.

## O Congresso na perspectiva da esteira bantu e os desafios da Universidade

Em 2006, estando a participar no IX Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, em Luanda, Angola, veio-me de repente, como que por uma “forma de fulguração” popperiana (Popper & Lorenz, 1990, p. 90), a imagem da esteira. Foi, de facto, naquele momento, “um pensamento não pensado”, usando a expressão de Einstein (De Deus, 2005, p. 97). Falei de improviso sobre a importância e as expectativas do Congresso a partir do valor simbólico da esteira na cultura bantu, mais tarde, desenvolvi-o por escrito e está inserido no meu livro “*Na Esteira da Academia: Razão, Democracia e Educação*”, publicado em 2008, pela Texto Editores. Identifico no livro oito significados da esteira na vida do homem africano. Não importa falar deles aqui, mas vou retomar quatro significados para a dimensão deste II Congresso Internacional e, a partir da esteira, reflectir os desafios da Universidade em momento de alegria e de crise. Para os objectivos que a UCM pretende, comparo este Congresso a uma esteira. Entre outros significados, a esteira, na mentalidade bantu, é: i) um *assento limpo*, ii) “um *lugar especial* de encontro com os espíritos dos antepassados”; iii) um *espaço de reflexão e tomada de decisões* e iv) “*lugar-espaço gerador da vida*”. À partida, quero entender este Congresso como uma autêntica esteira africana. Para cada significado procurarei apontar alguns desafios da Universidade e o seu papel.

Na cultura bantu, prepara-se um *lugar limpo*, no qual se estende uma esteira igualmente limpa para acolher os hóspedes e as pessoas importantes. A limpeza da esteira dignifica o hospedeiro e manifesta o respeito que se tem para com o hóspede. Não se trata unicamente da limpeza da esteira, mas também da limpeza à volta da esteira, ou seja, do ambiente que a rodeia, pois, à volta da esteira, não pode haver lixo que conspurque a vista, os olhos limpos do hóspede devem apreciar a beleza do meio; à volta da esteira deve-se respirar um ar puro; um meio limpo ajuda a afastar a aproximação de bichos nocivos como cobras, escorpiões e moscas e neutraliza uma possível tentativa do hóspede sujar a esteira. Na cultura bantu, há, portanto, uma ecologia própria da esteira.

Naquela ousadia kantiana, ousou pensar que este Congresso é uma autêntica esteira africana que a UCM estende para os congressistas se sentarem com dignidade e solenidade. O Congresso é um sujeito colectivo que, de uma forma ousada, vai pensar nos desafios actuais da paz, da pacificação e reconciliação, da democratização e do desenvolvimento da sociedade moçambicana. Neste sentido, a esteira africana é o espaço e lugar de libertação do pensamento do sujeito, que usa da razão e, com coragem, liberdade e responsabilidade, busca a verdade. Não podia ser diferente. Estão aqui autoridades governamentais de nível central, provincial e local. Estão aqui autoridades religiosas de várias confissões. Estão aqui personalidades políticas, civis, militares e académicas. Estão aqui professores, investigadores de renome, nacionais e estrangeiros. Estão aqui fazedores da cultura e da informação. Estão aqui estudantes que levam a sério a sua condição de estudantes. Estão aqui

curiosos do Congresso. Pelo que vejo, todos estão bem acolhidos neste lugar limpo do Congresso, para, de uma forma ousada, pensarmos cooperativamente, como diria Habermas. A limpeza desta esteira é a primeira condição da fecundidade do Congresso. A expectativa, ao mesmo tempo, desafio, é que todos nós, os congressistas, saibamos conservar limpo este Congresso com ideias claras, com o respeito à diversidade de ideias e opiniões, com espírito aberto de aprendizagem, sem fofocas nem intrigas. Para evitar a “doença da fofoca” no Congresso, recorramos ao conselho do Papa Francisco, segundo o qual, se alguém veio para “falar mal dos outros, é melhor morder a língua do que falar mal dos outros e criar divisão”. O Santo Padre justifica o seu conselho. Diz: “fazer fofoca é terrorismo, porque o fofoqueiro é como um terrorista que joga a bomba e vai embora, destruindo: ele destrói com a língua, não faz a paz. Mas ele é esperto, não é um homem-bomba! Não, não, ele se cuida bem” (Papa Francisco, 2015). Num Congresso académico como este, não há espaço para fofocas nem intrigas; não há espaço para a cobra de arrogância e ideias petrificadas, não se permite lixo de frases feitas e de reprodução de pensamentos alheios, não há espaço para o escorpião de preconceitos venenosos de ordem racial, tribal, político-partidário; enfim, este Congresso é um espaço bem cheiroso com o perfume da riqueza de pontos de vistas diferentes, de intercâmbios de ideias e experiências, do cheiro agradável dos resultados das pesquisas. Esses resultados vão perfumar agradavelmente o Congresso. Por isso, antecipo as minhas felicitações à Universidade Católica de Moçambique pela organização limpa do Congresso, dando dignidade merecida às celebrações do 20º aniversário da sua criação. O papel da Universidade é o de ajudar-nos a todos nós Moçambicanos a manter limpas as nossas mentes para a manutenção da paz.

Na cultura africana, a esteira é também *espaço de reflexão e de tomada de decisões*. Ela é um lugar e espaço sérios. A seriedade em relação às matérias ou assuntos levados à esteira para o debate e seriedade em relação às pessoas que devem sentar-se na esteira. Os assuntos podem ser de natureza familiar ou social, que dizem respeito a uma determinada família, a alguns membros da família ou envolve famílias, questões contenciosas cujas consequências podem afectar toda a comunidade. Também são tratados na esteira assuntos festivos como, por exemplo, a cerimónia de entronização do líder da comunidade, a organização da festa dos adolescentes no fim dos ritos de iniciação, casamento de uma personalidade importante na aldeia, etc. As pessoas envolvidas são, geralmente, os sábios do local. Não é qualquer pessoa que é sábio. Hampaté Bâ lembra-nos que “não é qualquer pessoa que é tida como sábia na aldeia bantu” (Mazula, 2008, p. 94). É sábio, somente, aquele que é reconhecido pela comunidade como tal: “*a miruku*” ou “*okhulukana*” em emmakhuwa; *doda*, em xichangana. Não tenho dúvidas de que a UCM é uma instituição sábia na matéria de paz e reconciliação.

i) A primeira coisa que os anciãos ou os sábios da aldeia fazem é proceder à triagem dos assuntos ou das questões que lhes são apresentados, para que não percam tempo com banalidades e estabelecem, à partida, critérios de validade. Em casos de um conflito entre irmãos da mesma família ou entre personalidades da aldeia, esses anciãos assumem um papel de mediadores usando da sua experiência de vida, da maturidade espiritual e da sabedoria. A sabedoria é importante. São Tiago diz que a sabedoria é “pacífica”, “imparcial” e “dócil” (Tg. 3, 17). Os anciãos analisam minuciosamente a questão colocada; investigam com rigor as causas do conflito; vão afinando estratégias que permitem os conflitantes a dialogarem entre si e a se entenderem, procurando não ferir nenhuma das partes; procuram ser equidistantes sem nunca dar a entender que tendem para uma das partes; não fundamentam a mediação em fofocas nem em simpatias de interesse; à medida

que os conflitantes vão se apercebendo da maneira sábia como os anciãos (*madoda*) conduzem o processo, vão ganhando mais confiança neles; a construção da confiança é a condição necessária e, por vezes, suficiente, para garantir que o resultado final seja sério, perene e aceite pelas partes. Na complexidade do conflito, os mediadores **são** movidos pelo “princípio da esperança” (Morin & Viveret, 2011, pp. 29 e 46) e pela ética da pacificação. Segundo Edgar Morin o princípio da esperança alimenta o diálogo e a própria “complexidade favorece a acção porque ela nos dá a medida dos verdadeiros riscos e das verdadeiras possibilidades” (Morin & Viveret, 2011, p. 24). Assim, a Universidade não só é espaço e lugar de reflexão, como também deve ajudar a reflectir os problemas com serenidade e rigor.

*ii)* A Universidade Católica de Moçambique organiza este Congresso em um momento de dois acontecimentos, em princípio, excludentes e antagónicos. Um é *acontecimento alegre*: a celebração do 20º aniversário da sua criação. O outro é *acontecimento triste*: Moçambique está, outra vez, a viver uma tensão política entre o Governo da Frelimo e a Renamo; e esta tensão já está a causar vítimas humanas, refugiados para os países vizinhos, particularmente para o Malawi, os agricultores abandonam as suas machambas, limita a vontade de as pessoas investirem ou levarem avante os seus projectos, faz-se ressentir no custo de vida dos cidadãos, os alunos e professores interrompem as aulas com medo de balas assassinas, as crianças perdem a alegria de brincar. Nos seus estudos sobre o tempo, não sei como é que Einstein classificaria este momento da vida do país; para onde se moveria a seta do tempo moçambicano? Ilya Prigogine, Prémio Nobel de Química 1977, teria mais um dado para confirmar a sua teoria do fim das certezas histórico-políticas, como aquela euforia de 1992, de que a paz veio para ficar. Edgar Morin não hesitará em perceber a complexidade da vida e da sociedade humana. Temos, sim, dois acontecimentos antagónicos a darem-se no mesmo momento: um alegre e outro triste. E “devemos ser sensíveis a esta contradição” (Morin & Viveret, 2011, p. 13), não nos iludindo com soluções redutoras de pensar que se resolve a contradição com a sua eliminação, nem se resolve uma contradição criando uma outra.

A questão é: este momento é de alegria ou de tristeza para este Congresso? Porventura, poderia a UCM festejar de forma pacata o seu aniversário, prescindido do momento político actual? Ou, por causa desse momento, podia celebrar o aniversário sem lhe dar a pompa devida? Como será possível, se do nada e em poucos anos se fez uma Universidade presente em todas as Províncias? O seu contributo para o desenvolvimento do país é notório, tanto pela qualidade dos graduados que forma e da investigação que realiza, como pela sua intervenção em vários sectores de actividades sociais, económicas e culturais. Em poucos anos impôs-se na Região da SADC e no Mundo. A proveniência dos participantes deste Congresso é prova disso. Há motivos bastantes para nos alegrarmos com a alegria da UCM. Parabéns, a Universidade Católica de Moçambique!

*iii)* A questão que acabo de colocar tem duas respostas, ambas válidas. A primeira observa-nos que estas festividades decorrem num momento de crise. Segundo a mentalidade chinesa a crise significa, ao mesmo tempo, risco e oportunidade. Na linha do “princípio da esperança” referido por Morin, para ultrapassar uma crise como risco “o que conta são as posturas de vida individuais ou colectivas que agem de modo a que o improvável não nos desconcerte, de modo a que sejamos capazes de reagir se ele se revelar do lado do pior”. A nossa política actual será um risco se nós, individualmente e, sobretudo, colectivamente, não nos posicionarmos contra a tendência de resolver os conflitos por meio da guerra. A guerra não resolve, mas complica mais; não constrói mas

destrói; não salva, mas mata. É digno de apreço ver que a Universidade Católica toma uma postura de, aberta e corajosamente, juntar-nos nesta esteira para, a partir dela, reflectirmos sobre formas racionais de ultrapassar esta crise. Tomando a crise como oportunidade, portanto, do lado positivo, o filósofo Patrick Viveret diz que temos que “saber acolhê-la e utilizá-la como uma energia positiva”. Ainda segundo este filósofo francês, será “um formidável desperdício” se não soubermos aproveitar a oportunidade que a UCM nos criou, sentados nesta esteira académica.

Estamos a viver uma crise que não deve ser menosprezada nem minimizada e todos devemos fazer tudo para evitar o recurso a balas militares que só matam pessoas inocentes e não matam a crise. Mas por que este tipo de crise é cíclico? Recorda-me de uma reflexão de António Gramsci (1891-1937), para quem “uma crise acontece quando o velho mundo tarda a desaparecer e o novo mundo tarda a nascer e, nesse claro-escuro, (...), podem surgir monstros” (Morin & Viveret, 2011, p. 30). E, de facto, já surgem “monstros” de espaços paralelos de poder, que confundem e dividem as mentes. Num processo de reconciliação das partes, a mediação tem de interrogar se as causas do actual conflito não estarão no choque entre um “velho mundo” de injustiças, de desigualdades, de exclusão social e económica que “tarda a desaparecer”, e a expectativa de um “novo mundo” de justiça, de igualdade cidadã, da predominância do governo das leis e não do governo dos homens, da democracia e não da tirania ou ditadura, da meritocracia e não do compadrio, da competência e não de favoritismos. O Papa Bento XVI, na sua Exortação Apostólica *Africae Munus*, diz que a reconciliação e a justiça são “os dois pressupostos essenciais da paz” (nr. 17). Na linha deste pensamento temos que nos perguntar se a instabilidade política que vivemos pode significar que Moçambique ainda não está verdadeiramente reconciliada consigo mesmo e pode também significar a falta de justiça justa. A crise actual recorda-nos também S. João do Apocalipse, para quem o apocalipse pode significar “catástrofe” como “revelação”. Temos, com fé e humildade, saber evitar as guerras porque elas são uma catástrofe, e de forma crítica e corajosa não reeditar os “aspectos destrutivos” de uma guerra; mas, sim, vemos a crise como “fonte de renascimento” (Morin & Viveret, 2011, pp. 30-31).

A segunda resposta encoraja-nos a ver este momento como *tempo da graça*, traduzido em grego por *kairós*. A fé cristã diz-nos que a graça de Deus realiza-se em tempo próprio (*kairós*) Gosto muito deste termo grego e assumido pelos biblistas (Bogaert, 2013, pp. 1295-1297. *Kairós* é um “tempo favorável”. Sob ponto de vista meramente humano, *kairós* é o “momento oportuno” em que o acto humano se deve realizar, no sentido de que “cada um tem o seu tempo próprio, isto é, apropriado, querido”, caso contrário, deixando passar esse tempo, o homem perde irreversivelmente uma oportunidade ímpar na sua vida. Temos de tomar este momento como “tempo favorável”, no sentido, por exemplo, referido pelo profeta Isaías quando fala do tempo da intervenção de Deus na história da humanidade (Is. 9, 3). São Lucas fala do tempo (*kairós*) da salvação dos povos na terra (Act. 17, 26). Aliás, a criação realizou-se em tempo próprio (Gn. 1, 1 s). São Paulo fala do tempo próprio em que Yavé renovou o mundo através de Cristo (I Tim. 6, 15). O Apóstolo das Gentes vai mais longe ao chamar atenção a que o ser humano deve aperceber-se desse tempo (*kairós*) de salvação, proposto por Deus (Rm. 13, 11), de tal maneira que “se não se reconhece os tempos da visita de Deus” (Lc. 19, 44), São Pedro diz que “atrai-se o julgamento de Deus” (I Pd. 4, 17). O Novo Testamento fala, muitas vezes, do tempo da graça de Deus.

iv) Chegado a este ponto, consideremos este momento de dois acontecimentos contraditórios, como *kairós*, isto é, um “momento oportuno”, um “tempo favorável”, um “tempo próprio” da acção da UCM, e se não o compreendermos, poderemos perder irreversivelmente a oportunidade que este Congresso nos dá. O papel da Universidade, neste momento, é o de liderar, por um lado, o processo de superação da crise, não deixando de celebrar o seu aniversário e, por lado, o de ajudar os actores políticos e sociais e, se possível, mediar o conflito que nos assola para um compromisso com uma paz duradoira, para uma democracia estável versus um real desenvolvimento humano. É uma utopia possível, no sentido que é dado à utopia pelo filósofo Paul Ricoeur e pelo poeta moçambicano José Craveirinha. Se a memória não me engana, nenhuma outra instituição académica conseguiu reunir, pelo menos, até hoje, no mesmo espaço e ao mesmo tempo, as duas individualidades políticas adversárias, como vimos ontem. Foi bonito e agradável. As Universidades, por sua natureza de instituições de ensino, de pesquisa, movidas pela ética de diálogo e de discussão (Habermas, 2004) e por uma “ética do pensamento”, devem ter essa capacidade de “mobilizar as inteligências” para, como diz Pascal, “enfrentar a complexidade da vida, do mundo, da própria ética” (Morin, 2005, p. 60). Compreendo que, numa sociedade ainda ideologizada como a nossa, não é fácil para uma Universidade pública tomar uma iniciativa desta natureza, pois os seus dirigentes podem correr o risco de serem conotados como estando a favor da oposição ou serem vistos como estando ao serviço do regime. As Universidades privadas, julgando-se mais independentes do que as públicas, mesmo querendo, não ousam correr o risco temendo uma acção política desmobilizadora junto da sociedade, podendo vir a perder clientes, uma vez que elas são instituições com fins lucrativos. Kant entenderia que é preciso “coragem”, própria de um sujeito libertado pela razão. Edgar Morin entende que é preciso desenvolver uma “ética da resistência” a todas as formas de intimidação política que atenta aos direitos humanos e resistência ao *status quo*. Pelo seu estatuto ético e moral a UCM pode jogar um papel importante, envolvendo, inclusive, as universidades públicas e privadas, e ajudar aos actores políticos e sociais a “pensar bem” sobre a crise. Parafraseando o pensamento de Edgar Morin (2005, p. 65), direi que este “pensar bem torna-se urgente e uma necessidade vital neste momento” em que há uma insegurança de vida da parte de muitos cidadãos, um certo desapontamento com os políticos, um desalento moral, com o risco de esta situação, se não for resolvida com urgência, poder “gangrenar” toda a sociedade e agudizar a crise. Por sua vez, o Congresso deve ajudar a UCM a jogar esse papel, reflectindo com profundidade os assuntos que são trazidos para esta esteira. Não se trata de aventura, mas de aproveitamento de uma oportunidade (lado positivo) em tempo próprio (*kairós*) para ajudar a sociedade a ultrapassar os riscos da crise (lado negativo). Quando falo do tempo próprio refiro-me, de modo particular, a este momento da nova governação política que se mostra aberta às sugestões de pessoas individuais ou colectivas tendentes a assegurar a paz no país.

Deixem-me explorar outro sentido bantu da esteira. Na cultura bantu, a esteira é também um *lugar-espaço gerador da vida* (Mazula, 2008, p. 95), por isso, nesse momento ela é sagrada. A esteira é um lugar onde um acto biológico de amor gera um novo ser humano, criatura de Deus, e assume o grau antropológico mais alto. Na esteira é gerado “um ser a só tempo plenamente biológico e plenamente cultural, que traz em si a unidualidade originária” (Morin, 2000, p. 52). Na esteira se encontram e se unem o homem e a mulher para gerar a vida com amor. Não podem gerar uma vida sã sem união, sem intercomunicação, sem amor e sem fé de que vai nascer uma vida humana, com responsabilidade ética que merece. A geração do novo ser e da nova vida exige intercomunicação entre o homem e a mulher, ou seja, exige diálogo e entendimento entre os dois. Quer dizer, o novo

ser, a nova vida, é fruto de acordo mútuo dos progenitores. Esse entendimento e esse acordo são condição necessária para garantir o crescimento, a educação e o desenvolvimento do novo ser. Trago para este Congresso este sentido profundo da esteira na cultura bantu. Em suma, “ a esteira expressa objectivamente, na cultura bantu, uma filosofia de vida muito peculiar: uma união estreita entre *amor – vida – sabedoria – intercomunicação*. Nela se gera a vida com racionalidade e amor (afectividade racional e racionalidade afectiva e intercomunicativa)” (Mazula, 2008, p. 95).

Por analogia, este Congresso não deve reduzir-se a um momento de exibição de conhecimentos, à troca de informações dos resultados das pesquisas realizadas, ao intercâmbio das experiências do que cada um faz na sua instituição de origem (este seria o nível mínimo do Congresso), mas, sim, deve ser encontro de produção do conhecimento pertinente, na medida em que gera, com amor patriótico e solidário, a paz ou lança bases para gerar, de forma comunicativa e sábia, uma paz real que Moçambique precisa. Para isso, considero o Congresso uma esteira onde congressistas devem, com coragem e rigor científico, reflectir os modelos de governação e de democracia, o sistema eleitoral e o modelo de desenvolvimento económico e o da distribuição da riqueza nacional, já que os conflitos se agudizam de eleição em eleição. Estimular debates desta natureza é também papel da Universidade. Este é o papel duma Universidade que se guia pela ética da condição humana, pensando com Rousseau. No meu entender, qualquer Universidade deve ser lugar-espaco gerador *da vida sã, da paz real e duradoira e da solidariedade planetária*. Ainda na linha da esteira como espaco gerador da vida, os estudantes, sentados na esteira da Universidade, devem casar-se com a ciência para, com amor à verdade, gerar competências e mentes sãs. O Papa Bento XVI recorda-nos, a nós os leigos, de que o nosso “testemunho cristão só será credível, se «*formos*» profissionais competentes e honestos” (*Africae Munus*, nr. 128).

## Conclusão

Concluo sem terminar.

Em primeiro lugar, quero agradecer ao Magnífico Reitor pelo convite que me dirigiu dando-me a honra de participar neste II Congresso Internacional, mas com a tarefa de dissertar um tema tão complexo quão delicado para o momento que vivemos. Se a honra foi grande, a tarefa não foi pequena.

Peço ainda, ao Magnífico Reitor, desculpas por não ter seguido literalmente o tema. Ao ler o programa do Congresso percebi que o tema da minha intervenção era o tema geral do Congresso, que se desmembrava em sub-temas para os vários oradores e, de facto, sozinho não teria capacidade para esgotá-lo. Assim sendo, entendi que a Conferência Inaugural devia dar um tom geral ao Congresso. Se consegui fazer, só os Congressistas podem avaliar e julgar-me.

Para esta minha modesta comunicação recorri ao paradigma da esteira na cultura bantu, explorando o valor simbólico que o homem bantu lhe dá. Acabei comparando o Congresso à esteira. Dessa comparação, concluí que este Congresso: i) é, na perspectiva bantu, uma *esteira bem limpa* que a Universidade Católica de Moçambique preparou para nela se sentarem os seus hóspedes, vindo de várias partes do mundo e festejarem com alegria o 20º aniversário da criação da Universidade; -- ii) é um lugar preparado com todo o esmero para servir de *espaco de reflexão* séria sobre o papel da Universidade no processo de pacificação, reconciliação, democratização e desenvolvimento da nossa

sociedade que atravessa, mais uma vez, uma crise política delicada; --- iii) subsidiando-me do conceito bíblico de *kairós*, considere que este Congresso se realiza num “momento oportuno” para a Universidade reflectir sobre a crise política do país e --- iv) tomando a esteira bantu como *lugar-espaço gerador da vida*, há toda uma expectativa no Congresso: a sociedade espera que os intelectuais, os pesquisadores e os académicos, sentados nesta esteira de ciência, cultura, fé e amor à vida humana, ajudem com as suas análises, pesquisas, experiências e oração, a *gerar* os mecanismos racionais para se alcançar uma paz real e duradoura. É, na perspectiva de Paulin Hountondji (citado em Goucha, 2004, p. 47), uma obrigação dos intelectuais e académicos africanos “inventar” mecanismos de desenvolvimento real e “sugerir uma nova ordem” para o continente africano.

À medida que ia explorando cada significado da esteira bantu, fui destacando o papel da Universidade, como seja: i) o de dar uma formação humanista aos seus estudantes, futuros quadros e dirigentes da nação, para que, desde cedo, cresçam com mentes limpas, sejam promotoras da paz e não da barbárie, como insiste Adorno na sua reflexão sobre a “Educação após Auschwitz” (Cohin, 1986, pp. 33-45) e era preocupação da Maria Montessori (1870-1952) na educação das crianças na “Casa dei Bambini” (Palmer, 2005, p. 274); -- ii) de incluir nas linhas de pesquisa a temática da paz e da democracia, procurando antecipar as causas possíveis de conflitos desestruturantes; advogo, para o efeito, a dinamização de relações dinâmicas entre a Universidade, a Política, a Sociedade e o Sector Produtivo; -- iii) a Universidade, pela natureza da sua missão de educar e da sua vocação à pesquisa, entendo que deve ser sempre pacificadora e mediadora e não agente técnico ou profissional da paz; numa Universidade, o tema da paz não deve ser reduzido a objecto de consultorias, mas, sim, assumido como tema de pesquisa; --- iv) a Universidade assume o papel de ser sempre uma “energia positiva” da sociedade; quer dizer, por mais elevada e grave que seja uma crise social, política ou económica, a Universidade nunca deve desanimar, pelo contrário, deve reforçar a capacidade interna de pesquisa para ajudar a sociedade a ultrapassar a crise e a resolver os seus problemas de forma pacífica e segura.

Deixei para o fim um outro significado da esteira: a esteira como um *lugar e espaço especiais de encontro do curandeiro (o medium) com os espíritos dos antepassados*. Através dos búzios o curandeiro traz para si a voz dos antepassados. Através do curandeiro os espíritos fazem-se presentes no momento da consulta, manifestando a sua vontade. Essa operação de o curandeiro auscultar os espíritos dos antepassados não é fácil: exige do curandeiro toda uma preparação ecológica antecedente, na medida em que os espíritos não aparecem em lugar impróprio; exige do curandeiro uma grande concentração na operação que realiza, pois qualquer distração pode alterar a operação e perder aquele momento *h* em que o espírito fala; finalmente, exige do curandeiro fé na operação que realiza. Um curandeiro honesto transpira e transpira a valer para trazer o espírito e fazer ouvir a sua voz (sua vontade). A eficácia da acção do curandeiro na sua esteira depende também da confiança do paciente para com o curandeiro e da fé nos espíritos dos antepassados. Tanto o curandeiro como o paciente acreditam que a eficácia da consulta não depende somente dos conhecimentos e das habilidades do curandeiro, mas também da fé na força dos espíritos. Em todos os casos o curandeiro é um homem sábio na sua área. No fim, o curandeiro transmite ao paciente a vontade dos espíritos dos antepassados e recomenda o que deve fazer.

Como se aplica este significado da esteira ao Congresso? Sentados nesta esteira do Congresso, o curandeiro, como o *medium* entre o paciente e os antepassados, são os intelectuais, os pesquisadores e académicos e todos os congressistas aqui reunidos, ou seja, a Universidade é um *medium* entre a sociedade, a ciência e a técnica. O paciente é o povo, a sociedade, que consulta a Universidade, reunida em Congresso, sobre o conflito que neste momento Moçambique vive e espera propostas de solução. Há um conflito entre os nossos políticos. Através da sua pesquisa séria e realizada com rigor científico, o pesquisador ou o académico leva para a sociedade propostas de solução. Pensando com Husserl, direi que a pesquisa é a dimensão noética dos espíritos dos antepassados. A eficácia dos trabalhos dos intelectuais e pesquisadores depende não apenas dos seus conhecimentos e habilidades, da sua capacidade de uso da razão, mas também da fé em Deus de que é possível encontrar uma solução viável do conflito político. Quem tem experiência de pesquisa, sabe que a investigação é um trabalho difícil e transpira-se a valer; exige do pesquisador o seu casamento antropológico com a causa da pesquisa e fé na sociedade que é o último destinatário dos resultados das suas investigações. É preciso também que os actores políticos e sociais tenham fé nos trabalhos dos pesquisadores, dialoguem com eles e saibam utilizar os resultados das pesquisas. A Universidade Católica de Moçambique tem o privilégio de aliar a razão e a fé, naquela linha do Papa João Paulo II na Encíclica *Fides et Ratio* (Fé e Razão) de que não há contradição entre a fé e a razão, -- aliás, tese já defendida por São Tomás de Aquino, no século XIII; daí, o papel da UCM, igualmente privilegiado, de contagiar, de uma forma salutar, essa relação às suas congéneres universitárias.

Ao subsidiar-me do paradigma da esteira na cultura bantu<sup>2</sup>, faço-o na convicção de que é possível encontrar nas culturas moçambicanas formas e mecanismos de resolução, mediação de conflitos desestruturantes e de reconciliação, contra as teses que dizem que não se deve falar de resolução de conflitos, mas apenas de sua gestão. A experiência moçambicana mostra que a gestão de conflitos é de pouca dura. Os conflitos desestruturantes, como é o da actual tensão política ou da guerra, devem ser resolvidos; os conflitos dinâmicos, que resultam da dinâmica da própria democracia e a vivificam, devem ser geridos.

O paradigma da esteira na cultura bantu recorda-nos o que Georges Clemenceau (1841-1929) dizia sobre a guerra: que a “guerra é um negócio sério para ser deixado nas mãos dos militares” e acrescento “nas mãos dos políticos”. Edgar Morin diz, por sua vez, que a própria “ciência é um assunto sério demais para ser deixado unicamente nas mãos dos cientistas. Sabemos também que a ciência se tornou perigosa demais para ser deixada nas mãos dos homens do Estado” (Morin, 2005, p.78). Quer dizer, a guerra, a paz, a ciência são assuntos sérios demais que exigem diálogo permanente e cooperação entre o Estado, a Política, a Ciência (Universidades) e a Sociedade.

---

<sup>2</sup> O Papa Bento XVI mostra que, na relação entre o Cristianismo e as religiões tradicionais, “o problema da «dupla pertença» continua sendo “um desafio” (AM: 93). No entanto, faz três observações: 1ª) As religiões tradicionais, “que fazem referência aos antepassados e a uma forma de mediação entre o homem e a Imanência, são o húmus cultural e espiritual donde provém a maior parte dos cristãos convertidos e com o qual mantêm um contacto diário”; -- 2ª) há que evitar o ídolo da “absolutização da cultura africana” (AM: 102); -- 3ª) “Para que os tesouros da vida sacramental e da espiritualidade da Igreja possam ser descobertos em toda a sua profundidade e melhor transmitidos na catequese, a Igreja poderia examinar, num estudo teológico, alguns elementos das culturas tradicionais africanas que estejam de acordo com a doutrina de Cristo” (AM: 92). --- AM = Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Africae Munus* (O Compromisso da África).

Que este Congresso seja uma verdadeira esteira africana: o Povo Moçambicano está cansado da guerra; quer paz e real desenvolvimento humano! Por favor, não nos matem como moscas ou galinhas nem nos aniquilem como baratas! Queremos paz, paz e paz! A Universidade Moçambicana é convidada a envolver-se decididamente na busca da paz, condição necessária para o desenvolvimento. Todo o momento é “tempo próprio” (*kairós*) para a acção das Universidades.

## Referências Bibliográficas

- AWEPPA (1993). *Acordo Geral de Paz de Moçambique 1992 / General Peace Agreement of Mozambique 1992*. Amsterdam, African – European Institute.
- Bento XVI (2011). *O Compromisso da África*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Africae Munus*. Trad. Paulinas. Águeda, Secretariado Geral do Episcopado.
- Bogaert, P.-M. et al. (Orgs) (2013). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Trad. Fr. Ary Pintarelli & Fr. Orlando A. Bernardi. São Paulo: Edições Loyola.
- Cohn, G. (Org.) (1986). Theodor W. *Adorno*: Sociologia. Trad. Flávio R. Kothe, Aldo Onesti, Amélia Cohn. São Paulo: Ática.
- De Deus, J. & Peña, T. (2005). *Einstein ... Albert Einstein*: Homem, cidadão, cientista. Lisboa: Gradiva.
- Francisco I, Papa (2015). *Homilia do dia 4 de Setembro, na Igreja da Santa Marta*. Cidade do Vaticano, ZENIT.org.
- Habermas, J. (2004). *A Ética da Discussão e a Questão da Verdade*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes.
- Hountondji, P. (2002). “La science comme elle va, le monde comme il va.” In: GOUCHA, Moufida (Dir.) *Philosophie, Science et Éthique*. Paris, UNESCO. Journée de la Philosophie à l'UNESCO.
- Mazula, B. (2008). *Na Esteira da Academia: Razão, Democracia e Educação*. Maputo: Texto Editores.
- Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília.
- Morin, E. (2005). *O Método 6: Ética* (2. ed.). Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. & Viveret, P. (2011). *Como Viver em Tempo de Crise?* Trad. Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda.
- Palmer, J. (2005). *50 Grandes Educadores: de Confúcio a Dewey*. Trad. Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto.
- Popper, K. & Lorenz, K. (1990). *O futuro está aberto* (2. ed.). Trad. Teresa Curvelo. Lisboa: Fragmentos.